

GES
PCP

G

O camponês

JORGÃO DOS CAMPONESES DE PORTUGAL

LUTEMOS, UNIDOS E ORGANIZADOS, POR UM SALÁRIO MÍNIMO DE 30\$00 E TRABALHO GARANTIDO!

A época que atravessamos é terrível para nós, operários agrícolas. O trabalho escasseia e o desemprego alastra por muitos milhares de lares, reduzidos à mais negra miséria. Para os que ainda conseguem trabalho, os salários são baixíssimos, não permitindo também vencer a fome que todos sentimos.

É verdade que os salazaristas, apavorados por terem sido derrotados nas eleições presidenciais de 1958, apregoaram aos quatro ventos que aí daqueles que ousassem aumentar o custo da vida, seriam castigados com as penas da lei. Mas tal palavrado eco, que o vento levava, só tinha por fim esconder os objectivos de rapidamente fazer subir o custo da vida. Desde então todos sabemos que muito do que mais necessitamos se tornou mais caro, somente os nossos salários é que não subiram, alguns até desceram.

Se fizermos um confronto com o custo da vida, todos compreendemos que mesmo ganhando 30\$00 e tendo trabalho assegurado, não deixaríamos de ser pobres, bem pobres. Mas se isso é assim nessas condições, muito mais terrível é quando se ganha 18 ou 20\$00 e quando se passam semanas, quando não

meses, sem ter onde trabalhar.

Todas as classes lutam por melhorar as suas condições de vida. Tem sido pela luta que os operários industriais têm conquistado aumentos de salários e a assinatura de contratos colectivos que lhes dão algumas garantias. Foi pela luta de todo o nosso povo no período eleitoral, que o funcionalismo do Estado viu aumentados os seus ganhos. É também pela luta, e só pela luta, que nós, operários agrícolas, temos conseguido, em certas épocas, jornas mais elevadas, dos 30\$00 aos 50\$00 e mesmo mais.

Sem luta nada se tem mas ela não medra por si só, tem de ser organizada para que dê bons frutos.

A unidade, a confiança que nós, operários agrícolas, temos de forjar consegue-se em amplas reuniões de homens e mulheres aonde se discutam os míseros salários que ganhamos. Mas importa que não fiquemos somente nas reuniões. Nestas temos de combinar acções que tenham o apoio das massas e é, depois, na acção, que todos sentiremos a grande força da nossa unidade, da nossa organização e da nossa luta.

Em regiões do Alentejo e do Ribatejo ergue-se já, como uma das grandes aspirações dos trabalha-

AS PRÓXIMAS ELEIÇÕES PARA A ASSEMBLEIA NACIONAL

As eleições de deputados para a Assembleia Nacional realizam-se no próximo ano. Se os anti-salazaristas se unirem, organizarem e se ligarem estreitamente às largas massas populares, as próximas eleições poderão vir a ter uma grande importância na luta pela conquista da Liberdade, do Pão e da Paz para o nosso povo.

Dai a necessidade de que, desde já, os operários agrícolas, que são os que no campo mais têm sentido a exploração e a opressão do salazarismo, se organizem e, conjuntamente com todos os outros camponeses e outras forças democráticas, discutam a participação nessas eleições.

Para isso impõe-se que se realizem reuniões e se atraiam a elas todas as pessoas interessadas, constituindo-se Comissões estreitamente ligadas ao povo e ligadas entre si. Este movimento deve estar, de facto, aberto a todos aqueles que desejam ou venham a desejar nele participar para ser na realidade um potente e amplo movimento eleitoral de unidade anti-salazarista.

E essa unidade terá de ser revelada também na elaboração e composição das listas de deputados da oposição a propor às próximas eleições. Em cada distrito deve ser apresentada uma única lista de Unidade que seja suficientemente representativa.

Entretanto, começa no próximo dia 2 de Janeiro o Recenseamento dos eleitores. É de particular importância que todos os eleitores se inscrevam no Recenseamento para depois terem direito a voto. Importa pois, que em todas as freguesias se criem Comissões de Recenseamento para divulgar e mobilizar as respectivas populações a inscreverem-se nos cadernos eleitorais. Tais Comissões devem, depois do recenseamento, transformar-se em Comissões eleitorais para, desde já, se estruturar uma organização oposicionista capaz de impor a vontade dos votos contra as manobras a que o salazarismo não deixará de recorrer.

dores rurais, a conquista dum contrato colectivo que garanta trabalho e um salário mínimo, que não poderá ser inferior a 30\$00. Em muitos lados, através de reuniões e da acção, temos-nos unido e forjado uma confiança mútua que nos dá forças para avançar.

Agora, recentemente, também o ministro das Corporações já fala em contratos colectivos para o trabalho no campo, na Corporação da Lavoura já o problema foi também discutido. Isso é o produto da nossa unidade e da nossa luta.

É necessário, porém, estarmos bem alerta pois os salazaristas não cederão às nossas reclamações a não ser por uma luta muito importante da nossa parte. Temos de erguer cada vez mais alto que o que queremos a trabalho garantido e um salário mínimo não inferior a 30\$00. A melhor forma de erguermos bem alto esta nossa reivindicação é lutarmos decididamente contra o desemprego e contra as jornadas inferiores a 30\$00.

DENUNCIEMOS AS ATROCIDADES DA PIDE!

DEFENDAMOS A SAÚDE E A VIDA DOS

PRESOS POLITICOS!

O regime salazarista, que se sente cada vez mais odiado pelo povo e desprestigiado internacionalmente, intensifica a repressão e exerce sobre os cidadãos portugueses ilegalidades e atrocidades constantes.

Sobem a centenas os portugueses que são mantidos nas cadeias por desejarem sair da miséria e da opressão em que vivemos. Constantemente há novos julgamentos novos tribunais plenários onde são condenados a grandes penas e com medidas de segurança aqueles que a PIDE já torturou e manteve presos longos meses e mesmo anos. Nestes julgamentos destaca-se no seu odio aos democratas, o presidente do Tribunal Plenário de Lisboa, juiz Caldeira.

Ultimamente a PIDE lançou contra os presos políticos uma intensa campanha provocatória que está podendo em grave perigo a saúde e mesmo a vida de muitos deles. Isso obriga-nos a trazer para as nossas colunas algumas informações do que se está passando ao mesmo tempo que fazemos um apelo para que todos os nossos leitores divulguem tais informações e se unam para lutar contra as desumanidades praticadas pela PIDE sobre honestos cidadãos portugueses.

No nº 80 do nosso jornal levantamos a apreensão existente sobre a vida de Francisco Miguel, e de outros patriotas presos pela PIDE. Hoje sabemos que Francisco Miguel esteve encarcerado numa das células do Aljube, encontrando-se,

desde Outubro na cadeia de Caxias. Apesar da PIDE saber bem que nada conseguiria saber da parte de Francisco Miguel, não deixou de exercer represálias sobre esse patriota português, batendo-lhe (como fez o chefe Gonçalves e mais 4 agentes em Elvas) e insultando-o (como fez o agente Rego na sede da PIDE). Mesmo agora a perseguição contra Francisco Miguel continua. As últimas notícias que possuímos (em 15 de Dezembro) dizem-nos que se encontra há mais de 10 dias «castigado» no segredo com uma única refeição diária.

Francisco Miguel, membro do Comité Central do P.C.P., preso em 1947 quando dirigia as grandes lutas dos operários agrícolas do Alentejo, tem a sua preciosa vida em perigo.

Igualmente em perigo se encontram as vidas de Julio Fogaça, do qual nada se sabe desde que foi preso, em fins de Agosto, pela PIDE, de Cândida Ventura, que a PIDE impediu de ser hospitalizada embora se encontrasse gravemente doente, e de muitos outros presos políticos.

Entretanto os castigos sucedem-se nas prisões políticas e até as agressões aos presos que já se encontram a cumprir pena, procurando assim a PIDE criar um ambiente nas prisões que destrua a saúde dos presos, quando não lhes

AS LUTAS DOS OPERÁRIOS AGRÍCOLAS

Para a propriedade de Rio Frio, do agrário Santos Jorge, foram contratados dois ranchos de 200 trabalhadores algarvios. As condições eram, 20\$00 para as mulheres e 23\$00 para os homens, de lhes serem fornecidos quarteis com tarimbais. Quando lá chegaram verificaram que os quarteis estavam cheios de outros trabalhadores não havendo tarimbais vagos.

O capataz do citado agrário tentou convencer os dois manageiros algarvios a que os 200 trabalhadores dormissem em cima de palha e na rua. Um dos manageiros não aceitou dizendo que não foi assim que contrataram e que fosse falar com os trabalhadores. Estes apercebendo-se do que se estava a passar protestaram e abandonaram o trabalho. Esta sua acção unida e firme levou o agrário a dar-lhes um quartel com tarimbais.

Na TORRE DA GADANHA o agrário Manuel Nunes costumava contratar os trabalhadores para fazerem as suas sementeiras mas o trabalho era iniciado 30 minutos antes do Sol nascer. Este ano os trabalhadores uniram-se e exigiram pegar só ao nascer do Sol, o que conseguiram.

No COUÇO os trabalhadores do lagar de azeite do Sr. João Bento conquistaram pela sua luta o salário de 30\$00, antes ganhavam 25\$00.

Um rancho de 25 homens e mulheres que desta localidade foram contratados para o Vale de Santarém, por o patrão não cumprir com o contrato exigindo que eles trabalhassem de noite, abandonaram o trabalho e obrigaram-no a transportá-los à terra.

MONTA DOS VELHOS, o agrário Lampreia, valendo-se da fome que reina nos lares dos trabalhadores, pagava no princípio da apanha da azeitona 7\$50 às mulheres e 15\$00 aos homens. Como surgisse mais trabalho, todos os homens e mulheres uniram-se e exigiram melhores jornas. Como o agrário não desse, abandonaram o trabalho indo ganhar jornas mais altas. Assim, o citado agrário foi forçado a contratar outros trabalhadores e pagar-lhes jornas de 12\$00 às mulheres e 20\$00 aos homens.

MONTARGIL, o agrário António de Sousa, proprietário do «Monte dos Irmãos», com o objectivo de lançar mais fome nos lares dos trabalhadores daqui, não os contratou para a apanha da azeitona, mas sim a um rancho de 50 ciganos, pensando que os ludibriava obtendo assim mais lucros. Assim deu-lhes a azeitona de empreitada a 20\$00 os 100 klg. Os ciganos tiraram uma média de 50\$00 mas tinham que dar bem aos dedos.

(continua na 2ª pag.)

(continua na 2ª pag.)



VAMOS LÁ CONVERSAR, Ó ZÉ!

— Ora então bom dia, Toino!
— Bom dia, Zé. Ainda bem que te lembraste de vir por cá hoje. Ando cá a cismar numa conversa que ouvi há dias a um lavrador. Falava sobre a importância das máquinas para a nossa agricultura. Dizia ele que em Portugal há muito menos máquinas que em qualquer outro país da Europa e que, enquanto for assim, as produções serão sempre baixas. Segundo o que percebi o que ele queria dizer era que nós devíamos ver com alegria a vinda de mais máquinas, em vez de ficarmos descontentes. Será verdade que a coisa é assim?

— Na verdade, Toino, em quase todas as nações se empregam mais máquinas agrícolas que em Portugal. É também verdade que só com máquinas e adubos apropriados às terras se podem conseguir boas produções. Há países onde as terras produzem muito mais e onde os trabalhadores ganham melhor. Não serei eu quem nega a grande vantagem das máquinas assim utilizadas. O que nós precisávamos era de muitas máquinas, cada vez mais perfeitas, que trabalhem em vez do homem, como está acontecendo na China, na União Soviética e, felizmente, em muitos outros países. Mas claro está, quando, como vem acontecendo entre nós, os grandes lavradores compram muitas máquinas sem nada terem feito para nos garantir o trabalho e a jorna, a máquina representa para os trabalhadores mais fome e mais miséria. Nestas condições, como tu entenderás, o emprego das máquinas não significa um progresso, nem rápido nem lento; o que representa é a ruína dos produtores menos ricos, por um lado e a desgraça dos trabalhadores que só vivem da sua jorna, por outro.

— Com esse teu falar, Zé, começo a perceber.
— Tu compreenderás que qualquer aumento de produção nestas condições só aproveitará a meia dúzia de grandes lavradores, mas com prejuízo da imensa maioria do povo, incluindo os comerciantes que venderão tanto menos quanto mais desemprego e jorna baixas houver.

— Quer dizer que nós devemos ser contra as máquinas só porque elas nos vêm fazer mal, não é?
— Exactamente, Toino. Os trabalhadores nunca serão contra as máquinas se a par delas os lavradores e o governo der solução aos nossos problemas. Mas o que acontece é que eles só vêm nas máquinas um meio de terem melhores lucros e não pensam no resto. No resto temos de ser nós a pensar, Toino. Nós somos pelo progresso da agricultura mas o que queremos é uma solução humana, justa. É que não haverá verdadeiro progresso senão quando as jornas e as condições

AOS TRABALHADORES DOS RANCHOS

Só a luta unida, persistente, teimosa é capaz de levar de vencida a resistência dos grandes agrários que apoiados pelo regime de Salazar, procuram pagar uma jorna de miséria que mal dá para comer umas sopas de alho ou um caldo de couves com umas migas de broa.

Começam os trabalhos do arroz. À procura de jornas um pouco melhores, preparam-se para abalar grande número de trabalhadores. Os capatazes ou manageiros, tantas vezes homens ao serviço do agrário que a troca de mais uns tostões, se vendem ao capitalista, começam a falar ao pessoal.

É preciso começar desde já a formar comissões que em nome de todos, falo ao capataz, manageiro ou ao agrário nas condições em que partirá o rancho.

Como formar as Comissões? Que condições vão ser apresentadas?

Os trabalhadores, homens, mulheres e jovens, devem começar por reunir para discutir e assentar na jorna mínima a pedir e nas restantes condições de trabalho (quarteis, descanso, horário de trabalho, assistência médica, etc). Em seguida nomear os mais capazes (homens, mulheres ou jovens), gente combativa e fiel, decidida que em Comissão falará em nome de todos e porá ao contratador as condições combinadas e aceites por todos nas reuniões.

Que nem um só trabalhador abale ferra das condições combinadas.

Avante valentes proletários do campo, na vossa luta pela conquista de melhor jorna.

Lutai unidos por um Contrato Colectivo de Trabalho.

AGRAVA-SE DE ANO PARA ANO, A SITUAÇÃO DA AGRICULTURA

A NECESSIDADE DA REFORMA AGRÁRIA

De novo a proposta sobre a lei de Meios nos põe a nú, com números, o agravamento constante da agricultura portuguesa.

Podem os números que vêm a público não ser completamente verdadeiros. De modo nenhum, porém, eles dão um panorama mais negro do que o que existe na realidade.

Ora, o que nos diz a proposta sobre a lei de Meios para 1961?

Diz-nos que a produção global da agricultura diminuiu de 1953 para 1959 em mais 358 mil contos, e prevê que em 1960 a produção

global será ainda nitidamente inferior.

Na verdade só no que respeita ao vinho e à batata se prevê, em 1960, uma produção superior à de 1959. Em relação ao arroz e ao milho e feijão de regadio, a produção praticamente mantém-se. Mas em relação a todos os outros principais produtos agrícolas prevêem-se grandes diminuições na produção.

Tem interesse comparar as estimativas da produção de alguns cereais entre 1958 e 1960:

	Estimativa para 1958	Estimativa para 1960	Diminuição em percent.
Trigo (mil quintais)	7.533	4.549	42%
Centeio (")	2.083	1.173	44%
Aveia (mil hectolitros)	2.957	1.311	56%
Cevada (")	1.841	811	56%

Deste quadro se conclue que, em dois anos, a produção destes quatro cereais diminuiu para cerca de metade. Porquê?

Dizia o ministro das Finanças, ainda em Julho deste ano, nas «Contas Públicas de 1959» que as causas da diminuição da produção agrícola se encontravam nas condições climáticas adversas e afirmava: «não foi possível ainda atenuar a estrita de pendência dos resultados na agricultura da evolução das condições atmosféricas» O tempo tem as «costas largas» mas as coisas vão-se repetindo e as mesmas razões não podem constantemente servir para enganar e esconder as verdadeiras causas. Por isso em Novembro deste ano, já o mesmo ministro se vê obrigado a escrever «... parece ter de admitir-se também a existência de fundamentos da estrutura e de vícios de ordenação na nossa actividade agrícola, a justificar a relativa perda de posição que o sector está sofrendo no quadro económico da Nação.»

No nosso jornal têm-lo afirmado sempre. Para tirar a lavoura da ruína e para criar a todos os camponeses uma vida desafogada, é

necessário uma Reforma Agrária.

O primeiro passo para a Reforma Agrária que defendemos consiste na entrega gratuita da terra àqueles que a trabalham. A acompanhar essa distribuição de terras aos operários agrícolas e aos pequeníssimos e pequenos agricultores, a todos que não possuam terra suficiente para dela tirarem o seu sustento e o da sua família, terá de se criar uma ajuda técnica capaz e uma ajuda financeira suficiente, ao mesmo tempo que se deve auxiliar a criar cooperativas que unam os camponeses e lhes permita o aproveitamento dos mais modernos processos de trabalho da terra.

Este caminho, que criou uma nova vida nos campos em todos os países socialistas e está sendo seguido em Cuba e outros países, tem de ser também percorrido no nosso país. Para isso é necessário que os camponeses lutem pela Reforma Agrária, é necessário que os operários agrícolas, a força mais combativa e progressiva dos campos, se una estreitamente com os pequenos e médios agricultores para, todos juntos, conquistarem uma vida melhor para os camponeses

CARTA DUM LEITOR

Há anos foi comprada aos ingleses a Herdade da Comporta, pela família Espírito Santo, grande monopolista do capital nacional, proprietária de bancos, companhia de seguros, de petróleo, navegação, etc. e grande colonialista. Com esta mudança de proprietário a situação do trabalhador piorou.

O grande agrário deu ordem à Conservatória do Registo Predial, para não registar qualquer barraca ou cabana da sua propriedade. As pobres habitações feitas com tão grandes sacrifícios pelos tra-

balhadores são objecto de ganância por parte do agrário.

Os salários pagos são os mais baixos da região, 16\$00 para os homens e 7\$00 para as mulheres.

As melhores terras arrendadas continuam a ser retiradas aos trabalhadores. Todo o trabalhador que procura melhor jorna fora da herdade é vítima de feroz perseguição e ameaçado de ser expulso da terra onde nasceu.

Um camponês

AS ATROCIDADES DA PIDE

(continuação da 1ª pág.)

roube mesmo a vida.

Ainda recentemente a médica Dr^a. Maria Luiza Costa Dias, necessitando de urgente operação, foi tratada, apesar do seu estado geral de fraqueza e da gravidade da doença, com todos os requintes de desumanidade pela PIDE. Para lutar contra tal tratamento, viu-se obrigada a recorrer à greve da fome, tendo estado sem comer durante dois dias até à operação. Depois, foi num grande estado de fraqueza, sem poder andar, que a PIDE a arrancou da Casa de Saúde para a cadeia.

Ante as provocações e o tratamento desumano que a PIDE está empregando contra os presos políticos torna-se necessário que os portugueses protestem e defendam a saúde e a vida daqueles que mais estão sofrendo a repressão salazarista.

Os presos políticos necessitam do apoio, da ajuda, da acção de todos os patriotas e pessoas boas da nossa terra.

AS LUTAS DOS OPERARIOS

(continuação da 1ª pág.)

Então o Sr. António de Sousa pensando que era dinheiro a mais resolveu tirar-lhes a empreitada e pô-los a trabalhar com uma jorna muito baixa. Os ciganos vendo a manobra resolveram bem unidos fazer cêra. Assim, durante o dia apanharam por pessoa 10 kg. de azeitona. O agrário pondo as mãos na cabeça resolveu dar-lhes de novo a empreitada.

Campanha de auxilio para «O Camponês»

Amigos do jornal		Damos as mãos	20\$00
«O Camponês»	80\$00	G. Vidigal, José A. dos Santos	98\$00
Ajudar «O Camponês»	42\$00	G. Vidigal (F)	10\$00
Batatas vermelhas	50\$00	Rosa vermelha	125\$00
Camponeses de Montemor		Rosa vermelha	52\$50
lutam	56\$80	Total	544\$50
Camponês	10\$00		